

PSICANÁLISE E CONTEMPORANEIDADE: O ADOECIMENTO ONCOLÓGICO COMO ENCONTRO COM O REAL

LUCAS NÁPOLI DOS SANTOS

Psicólogo, Psicanalista, Mestrando em Saúde Coletiva pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Integrante do Grupo de Pesquisa Saúde, Indivíduo e Sociedade (SAIS)/ Brasil.

CARLOS ALBERTO DIAS

Psicólogo, Doutor em Psicologia Clínica pela Université de Picardie Jules Verne/França; Professor do curso de Psicologia da Universidade Vale do Rio Doce, Pesquisador do Grupo de Pesquisa Saúde, Indivíduo e Sociedade (SAIS)/Brasil.

WALTER WILLIAM PEREIRA BARRETO

Psicólogo, Mestre em Ciências da Educação pelo Instituto Superior Pedagógico Enrique Jose Verona/Cuba, Professor dos cursos de Psicologia, Odontologia e Farmácia da Universidade Vale do Rio Doce, Pesquisador do Grupo de Pesquisa Saúde, Indivíduo e Sociedade (SAIS)/ Brasil.

Resumo: O presente artigo trata do adoecimento oncológico enquanto representação paradigmática do encontro do sujeito com o Real. A partir de considerações sobre os efeitos das alterações no laço social na contemporaneidade sobre a prática psicanalítica, aborda a emergência do Real como o registro principal na experiência analítica atual. Apresenta um breve histórico da noção de Real no ensino de Lacan, tecendo uma analogia entre o câncer e o Real tal como formulado no último ensino do autor. A partir de relatos de participantes da pesquisa *Paciente e Enfermeiro: atores no processo de enfrentamento do câncer*, evidencia a recorrência ao Imaginário como forma de sustentar a relação do sujeito com o Real do câncer. Concluindo, analisa sucintamente o lugar da Psicanálise na contemporaneidade.

Palavras-chave: real; câncer; psicanálise; contemporaneidade.

PSYCHOANALIS AND CONTEMPORARY WORLD: THE ONCOLOGICAL DISEASE AS MEETING WITH REAL

Abstract: The present article describes the oncological disease as paradigmatic representation of the subject's meeting with Real. From considerations about the effects of changes in social bond on the contemporary psychoanalytic practice, it addresses the emergence of the Real as the primary record in the current analytic experience. Presents a brief history of the notion of Real in the Lacan's teaching, making an analogy between cancer and the concept of Real as formulated in the author's last teaching. From reports of participants of the research "Patient and Nurse: actors in the process of coping with cancer", indicates recurrence to the Imaginary as a way to sustain the subject's relation to the real of cancer. In conclusion, briefly reviews the place of psychoanalysis in contemporary times.

Keywords: real, cancer, psychoanalysis, contemporary world.

Introdução

O estudioso que se debruça hoje sobre o campo da práxis psicanalítica depara-se com uma carência no que tange a uma metapsicologia particular capaz de explicar os



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

Polêmica, v. 11, n. 1, janeiro/março 2012

fenômenos surgidos no âmbito clínico. As portentosas interpretações freudianas responsáveis pela consagrada expressão “*Freud explica*” já não se mostram profícuas no tratamento das psicopatologias contemporâneas. As razões dessa espécie de caducidade do modelo psicanalítico tradicional repousam nas mudanças de ordem estrutural operadas na contemporaneidade, as quais promovem uma verdadeira revolução nos processos de subjetivação.

Herdeira de uma sociedade construída em torno do significante paterno, a Psicanálise constituiu-se com base no paradigma interpretativo mais adequado a esse contexto. Tal paradigma, denominado por Freud de “*Complexo de Édipo*”, respondia a um determinado modo de organização sintomatológica que se estruturava em função de uma fantasia que representava o modelo familiar patriarcal vigente na época. Mais do que “um sonho de Freud” como dissera Lacan no Seminário XVII (LACAN, 1992), o complexo de Édipo era o sonho de todos os que viveram na época do fundador da Psicanálise. Coube a ele, Freud, saber reconhecer nas queixas de suas pacientes históricas essa chave que durante um bom tempo seria capaz de abrir as portas de seus sintomas.

Na contemporaneidade observa-se a inserção das interpretações freudianas no discurso corrente. O complexo de Édipo e as noções derivadas dele já não produzem mais o efeito de surpresa com que eram encaradas pelos primeiros analisandos – uma das razões de sua eficácia terapêutica. As explicações calcadas no paradigma edípico, capazes de emprestar sentido ao sem-sentido do sintoma já se mostram evidentes para o sujeito sem que esse precise recorrer a um psicanalista para conhecê-las.

Ainda assim, o sintoma insiste em não se desfazer. Todavia, não se trata de resistência, mas antes de uma *insistência*. Insistência que traz em seu bojo o caráter inócuo do paradigma edípico, porquanto esse não caracterize mais os modos de organização do laço social na contemporaneidade. Forbes (2004) fala da queda de um mundo pai-orientado. Nesse, as identificações se davam de forma vertical e o falo funcionava como ordenador das posições subjetivas. Nesse mundo o complexo de Édipo faz sentido. O mundo atual,



segundo Forbes, é o mundo do homem *desbussolado*, em que há ausência de referenciais identificatórios sólidos, em que o Outro tesouro dos significantes cede sua primazia ao outro semelhante, instaurando um tipo de laço social horizontalizado. Nesse mundo, que não responde mais ao mito do Édipo, por que via deve atuar o psicanalista?

Lacan vislumbrou um pouco essa questão em seus últimos seminários, período em que retificou sua posição adotada anteriormente, a qual concebia o sintoma como uma mensagem a ser decodificada. A partir do último ensino de Lacan, o sintoma passa a ser identificado como o elemento que faz a amarração entre os três registros da experiência humana (simbólico, imaginário e real). Essa retificação traz consigo um deslocamento da ênfase do registro do Simbólico para o registro do Real.

Faz-se mister notar que o conceito de Real para Lacan sofreu diversas modificações, ao longo de todo o seu ensino. Nos primeiros anos subseqüentes a sua entrada na Psicanálise, seus escritos traziam implícita a identificação entre Real e realidade (vide “*Para-além do princípio de realidade*” (LACAN, 1998a), “*A agressividade em Psicanálise*” (LACAN, 1998b), entre outros textos dessa época.). Paulatinamente, a partir da elaboração dos três registros, o Real torna-se cada vez mais oposto à noção de realidade. No seminário de 1964, “*Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise*”, Lacan utiliza o conceito de Real para tratar do fenômeno da repetição. Nesse momento, o Real é associado à experiência do trauma. Lacan ilustra sua posição com as vicissitudes da cena primitiva na vida do Homem dos Lobos. Tal cena, tomada como traumática, resiste à rememoração do sujeito e só se torna conhecida em função das construções de Freud, o que não impede que produza efeitos para o sujeito – daí o seu caráter “real”. Diz Lacan:

“Este real, sentimos que, através de toda essa análise, arrasta consigo o sujeito, e quase o força, dirigindo de tal modo a pesquisa que, depois de tudo, podemos hoje nos perguntar se essa febre, essa presença, esse desejo de Freud, não é o que, em seu doente, pôde condicionar o acidente tardio de sua psicose.” (LACAN, 1998c, p. 56)



Ao postular o conceito de repetição como estando relacionado ao real, Lacan irá definir esse último como aquilo “*que retorna sempre ao mesmo lugar*” (LACAN, 1998c, p. 52). Tal definição é indicativa das elaborações ulteriores de Lacan sobre esse conceito, que datam de seus últimos seminários. Lacan passará a tratar o Real como aquilo que resiste à significação, como um ponto bruto sobre o qual o significante só faz brincar de ciranda. O Real passa a ser identificado com “o impossível” ou com aquilo que “não cessa de não se escrever” (LACAN, 2003).

Essa última concepção do registro do Real é emblemática para uma psicanálise que pretenda se afirmar como possível na contemporaneidade. Com o enfraquecimento do poder simbólico das grandes instituições, poderio que permitia o entendimento do laço social a partir do paradigma edípico, ocorre uma volatilização do sentido, isto é, daquilo por meio do qual o sujeito tenta dar conta do Real. No entanto, o sentido que se encontra desagregado e enfraquecido é o sentido padrão, aquele com o qual o homem estava acostumado e que é tributário de séculos de pensamento humano. Destituído desse sentido, o homem se torna órfão de algo que diga a ele como viver, que lhe dê respostas para as questões da origem e da morte, isto é, que lhe dê soluções para suportar o Real. Por outro lado, essa carência abre espaço para a criação. Passa-se de uma ética do dever para uma ética do desejo. O sujeito é impelido, então, a produzir sentidos para seus encontros com o Real. Sentidos que, por não obedecerem a um padrão, são singulares e estão ligados intimamente ao desejo de quem os produz.

A partir da experiência de sujeitos com câncer participantes da pesquisa “*Paciente e Enfermeiro: atores no processo de enfrentamento do câncer*”¹, propomos uma correlação

¹ Estudo financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), finalizado em dezembro de 2008, e que teve como objetivos principais identificar as práticas e atitudes utilizadas pelo enfermeiro no tratamento do câncer que, segundo a perspectiva dos pacientes, promovem o bem-estar diário e a qualidade do atendimento e analisar os impactos do câncer e seu tratamento sobre a vida afetiva e sexual do paciente. O primeiro autor deste artigo foi bolsista de iniciação científica da pesquisa, tendo o segundo e o terceiro autores como orientadores.



entre o adoecimento oncológico e a situação de desamparo vivenciada pelo sujeito na contemporaneidade. Nesse sentido, a experiência de se viver com câncer constitui-se, a nosso ver, como uma representação paradigmática do encontro do sujeito com o Real.

O Real na Experiência Oncológica

A analogia entre a incidência do câncer e a insistência do Real se torna mais evidente, na medida em que pensamos a relação do Real com a ciência. O Real é ao mesmo tempo causa e limite do conhecimento científico. A ciência nasce a partir do desejo humano de recobrir o Real com as teias do Simbólico, de forma a tornar a irracionalidade dos fenômenos naturais compreensível pela via da racionalidade humana, possível apenas pela submissão do homem ao significante. No entanto, sempre resta algo do Real que escapa aos domínios da ciência. Na contemporaneidade, as manifestações do Real como o incompreensível têm se multiplicado e o câncer constitui uma delas. Vejamos por quê.

A etiologia do câncer constitui, até o momento, um enigma para o conhecimento científico. Embora sejam admitidos fatores de risco que, de acordo com estudos epidemiológicos, podem favorecer o surgimento da doença, a ciência ainda não descobriu um fator comum a todas as formações neoplásicas malignas que possa ser tomado como elemento causal da doença. Ao mesmo tempo, a busca por esse elemento-chave se dá de uma forma que exclui o sujeito como possibilidade, estabelecendo a possível causalidade do câncer de um ponto de vista puramente orgânico. Essa exclusão do sujeito como fator causal do câncer revela certo posicionamento geral da ciência na contemporaneidade, que retira do sujeito a responsabilidade frente a sua queixa. Evidentemente, não fazemos aqui uma apologia da determinação psicológica do câncer, a qual, a nosso ver, não difere em sua essência do posicionamento organicista da ciência médica. No entanto, sugerimos que esse espaço deixado vazio pela ciência, no tocante ao que há do próprio sujeito no adoecimento oncológico, é o campo onde deve intervir o psicanalista.



A ausência de um fator causal para o câncer promove a emergência de uma hiância, que favorece a criação de sentidos eminentemente singulares para o câncer. Nas entrevistas para a pesquisa *Paciente e Enfermeiro: atores no processo de enfrentamento do câncer*, entre outras coisas, perguntamos aos participantes a que eles atribuem o surgimento da doença. Com tal questão, pretendemos conhecer quais as pontes simbólico-imaginárias criadas pelo sujeito para lidar com o Real do câncer – isto é, suas fantasias.

Um recuo ao registro do Imaginário e das ilusões egóicas foi aspecto marcante no discurso de alguns participantes. É o caso de um paciente com câncer de próstata, que relacionou o surgimento da doença à sua personalidade: *“Acredito que possa ser contrariedade. Quando a pessoa é muito tensa, isso pode acarretar.”*. Uma paciente com câncer de mama disse que o câncer pode ter surgido por que *“[...] era muito ansiosa, muito nervosa”*. É curioso notar, nessas fantasias, a caracterização dos afetos como matéria-prima do câncer. Por outro lado, nota-se pela estrutura das mesmas, que o sujeito encara o câncer como o fruto de todas as preocupações, frustrações e conflitos mal-resolvidos por ele ao longo da vida, isto é, das personificações de sua castração. Nesse sentido, o câncer ocuparia nessa fantasia o lugar de suporte da castração, como se o sujeito dissesse: *“Já que não pude lidar com a verdade de minha incompletude, criei um câncer.”*².

² Convém notar a semelhança dessa fantasia com alguns matizes da relação fantasmática da mãe com seu filho..



Considerações Finais

Os relatos que ora apresentamos evidenciam diferentes modos de reação do sujeito ao encontro com o Real. O câncer, enquanto fenômeno não-passível de uma explicação completa e satisfatória, proporciona ao sujeito deparar-se com a falta no Outro, com o furo do registro simbólico. Uma das alternativas para solucionar a angústia diante dessas constatações é tentar encaixar a doença numa fixão imaginária, a qual, todavia, logo manifesta sua inconsistência e a alternativa que sobra é aquela com a qual todo o mundo já está acostumado: a religião, a única, como disse Lacan, capaz de dar sentido para tudo. Daí a sempre recorrente interpretação do câncer como “provação divina”, que também pudemos observar na fala dos participantes da pesquisa.

Ocupando um lugar intermediário entre as diversas e cada vez mais freqüentes manifestações do Real (como o câncer) e a religião, produtora incansável de sentido, está a Psicanálise. Cabe aos psicanalistas reconhecerem as modificações pelas quais passou a sociedade no mundo contemporâneo, de forma a poder tratar desse sujeito desbussolado que não tem mais fórmulas prontas para lidar com o Real.

Referências bibliográficas

FORBES, Jorge. **A Psicanálise do Homem Desbussolado - As reações ao futuro e o seu tratamento**, 2004. Disponível em:
<http://www.jorgeforbes.com.br/br/contents.asp?s=23&i=72>

Acesso em: 06 de abril de 2008

LACAN, Jacques. Para-além do princípio de realidade. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998a.

LACAN, Jacques. A agressividade em Psicanálise. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998b.



LACAN, Jacques. **O seminário, livro 11:** os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998c.

LACAN, Jacques. **O seminário, livro 17:** o avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. **Outros Escritos.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

Recebido em: 11/10/2011

Aceito em: 08/12/2011



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

laboreuerj@yahoo.com.br

www.polemica.uerj.br

Polêm!ca, v. 11, n. 1 , janeiro/março 2012